

Humor coletivo: tiras monotemáticas em tempos de pandemia

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3299>

Paulo Ramos¹

Resumo

É comum que as tiras cômicas dos jornais impressos e digitais abordem temas diferentes. Cada autor cria isoladamente sua história, sem o compromisso de saber previamente o que será criado nas demais séries. Mas há exceções. Houve situações pontuais em que todos os desenhistas compartilharam um mesmo assunto, planejado com antecedência entre eles. Ocorreram três casos assim na *Folha de S. Paulo* durante a pandemia do coronavírus. Um deles será analisado neste artigo: uma ação coletiva sobre a necessidade de uso de máscaras para proteção contra o vírus da Covid-19. A iniciativa foi veiculada em abril de 2020, um mês após o início da pandemia no Brasil, e uniu as sete séries publicadas pelo jornal. O objetivo é mostrar as singularidades de casos como esse na produção do humor, bastante ancorado no compartilhamento temático. O aporte teórico irá se apoiar em estudos textuais que analisaram estratégias humorísticas em tiras.

Palavras-chave: quadrinhos; tiras cômicas; humor; pandemia.

1 Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo, Brasil; contatopauloramos@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9348-4176>

Collective humor: monothematic strips in pandemic times

Abstract

It is common that comic strips in print and digital newspapers to address different themes. Each author creates his own story, without the commitment to know in advance what theme will be created in the other series. But there are exceptions. There were specific situations in which all the designers shared the same subject, planned in advance between them. Two such cases occurred in *Folha de S.Paulo* during the coronavirus pandemic. One of them will be analyzed in this article: a collective action on the need to use masks to protect against the Covid-19 virus. The initiative was published in April 2020, one month after the start of the pandemic in Brazil, and joined the seven series published by the newspaper. The objective is to show the singularities of cases like this in the humor production, which is strongly anchored in thematic sharing. The theoretical contribution will be based on textual studies that analyzed humorous strategies in strips.

Keywords: comics; comic strips; humor; pandemic.

Considerações iniciais

É algo esperado ver histórias diferentes nas seções de tiras dos jornais. Trata-se de uma mescla de autores, cada um conduzindo sua própria série em quadrinhos. É esperado também, portanto, que cada narrativa aborde um tema específico, diferente dos presentes nas demais produções, veiculadas contemporaneamente tanto na versão impressa quanto na digital dos diários jornalísticos. Há, no entanto, uma situação peculiar e pouquíssimo vista, em que ocorre uma convergência entre todas as tiras. É o caso em que é proposto um tema comum aos desenhistas. A eles cabe o desafio de criar as situações cômicas a partir dessa pauta prévia.

A proposta deste artigo é analisar esses raros casos de tiras monotemáticas, como optamos por nomear essa estratégia editorial. No Brasil, apenas a *Folha de S.Paulo* tem respondido por exemplos assim. São trabalhos bastante pontuais. Entre março de 2020, mês em que teve início a pandemia do coronavírus no país, e agosto de 2021, data de finalização deste artigo, puderam ser identificadas três experiências assim no jornal paulista. Duas delas abordaram justamente aspectos relacionados à doença. A terceira foi uma homenagem ao cartunista argentino Quino, criador da personagem Mafalda.

Por questões de espaço (algo inerente a um artigo científico), torna-se inviável que todos os casos sejam analisados mais detalhadamente (para isso, haveria a necessidade de reprodução de todas as tiras, o que ocuparia quase um terço do total de páginas permitido). Por esse motivo, optou-se por estudar um dos três exemplos encontrados. Trata-se de um alerta coletivo feito pelos desenhistas para a importância do uso de

máscara de proteção para evitar o contágio do coronavírus. As sete histórias da seção de quadrinhos do jornal abordaram o tema. Todas foram publicadas na edição de 22 de abril de 2020.

Um dos interesses da análise é observar de que modo a presença de um tema unificador interfere ou influencia o processo de produção do sentido humorístico das tiras cômicas. O estudo se vincula a premissas teóricas da Linguística Textual para explicar os processos de produção de sentido. Serão necessários ainda alguns conceitos da Análise da Conversação para que seja exposta a forma como o conceito de tema será trabalhado (de maneira diferente, porém próxima, ao de tópico discursivo). Também serão acionadas pesquisas que já abordaram o gênero tira cômica, tanto do ponto de vista linguístico (para detalhar suas especificidades) quanto comunicacional (para a necessária contextualização histórica delas).

O artigo está estruturado em três itens. No primeiro, procura-se contextualizar as tiras, desde seu surgimento nos jornais norte-americanos até sua difusão para outros países, entre eles, o Brasil. Mostra-se, assim, que o aspecto recorrente é a diversidade temática entre as séries presentes nas seções dos jornais, e não a unificação temática delas. A exposição, por fim, chega ao modo como as histórias são veiculadas contemporaneamente pela *Folha de S.Paulo*, veículo de imprensa que publica os quadrinhos a serem aqui abordados.

O segundo item apresenta e contextualiza as sete tiras monotemáticas que serão analisadas. Todas as histórias são reproduzidas para que se possa fazer a necessária abordagem crítica delas. O terceiro item faz a análise conjunta e individual das histórias, expondo de que modo aspectos similares se fazem presentes para a produção do sentido humorístico. E também como cada uma dá uma resposta própria à proposta de criação de uma situação cômica baseada em um tema comum.

Contextualizando as tiras cômicas

O modo como as tiras são publicadas contemporaneamente nos jornais brasileiros é herança de um modelo de produção importado dos Estados Unidos. No começo do século passado, autores e editores perceberam que uma mesma história em quadrinhos poderia ser reproduzida simultaneamente em outros diários norte-americanos (cf. HARVEY, 2009). A estratégia comercial permitia que eles lucrassem mais com um mesmo produto. Os ganhos eram diretamente proporcionais ao volume de vendas. Quanto mais publicações imprimissem a narrativa, mais os desenhistas e os distribuidores ganhariam com ela.

Esse molde editorial só se tornou possível porque foi adotada uma padronização no formato das histórias. Convencionou-se um molde fixo para compor a narrativa, tanto

vertical quanto horizontalmente, com os quadrinhos ocupando o espaço equivalente ao de algumas colunas da página do jornal. Como visualmente se parecia com uma tira, passou a ser referida com esse termo (*strip*, em inglês). Com as dimensões padronizadas, ela poderia ser reproduzida por qualquer diário. Bastava que as mesmas metragens fossem reservadas no momento da diagramação do jornal.

A primeira a popularizar o modelo de distribuição diária foi a série *A. Mutt*, de Bud Fisher, em 1907 (cf. HORN, 1996). Bem-sucedida, abriu caminho para que outros autores explorassem o mesmo percurso. Os desenhistas foram auxiliados pelos *syndicates*, nome das empresas de distribuição das tiras, que não se limitaram ao solo estadunidense. Não tardou para que o material fosse exportado a outros países, entre eles o Brasil (cf. GUIRAL, 2012). Jornais daqui passaram a incorporar tiras em suas páginas ainda na primeira metade do século 20. Os diários reproduziram à risca o formato editorial padronizado importado dos Estados Unidos.

Foi seguindo esse mesmo molde que autores brasileiros passaram a criar tiras nacionais. Mauricio de Sousa foi um dos que souberam se adequar a esse processo de produção (cf. MAGALHÃES, 2006). Seguindo as mesmas dimensões físicas das histórias vindas dos Estados Unidos e se espelhando no que faziam os desenhistas estrangeiros, ele passou a publicar, em 1959, a série *Bidu e Franjinha* nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*. No ano seguinte, ele seria o único desenhista brasileiro a integrar a página de tiras da edição inaugural da *Folha de S.Paulo*, diário do mesmo grupo editorial (ACERVO FOLHA, 1º jan. 1960).

Minoritários de início, Mauricio de Sousa e outros criadores brasileiros de histórias em quadrinhos passaram a ocupar mais espaço nas seções de tiras dos jornais do país. O processo de nacionalização do conteúdo nos diários impressos foi lento, porém constante (cf. RAMOS, 2015). Nas décadas finais do século 20, via-se uma significativa redução do conteúdo estrangeiro. A *Folha de S.Paulo*, publicação de interesse desta exposição, foi um dos jornais que passou por esse processo.

Em que pese o fato de o diário paulista ter dado frequente espaço a desenhistas brasileiros desde sua primeira edição, foi somente na primeira década deste século que o conteúdo nacional se tornou predominante. Até então, equacionavam-se trabalhos produzidos aqui com outros, importados (ACERVO FOLHA, 30 dez. 1999). Em 2021, ano de produção deste artigo, a seção de tiras trazia sete séries, todas de desenhistas brasileiros. Autores e séries foram sistematizados no quadro a seguir:

Quadro 1. Autores e séries publicados na *Folha de S.Paulo* em 2021

Autor	Série
Laerte Coutinho	Piratas do Tietê
Caco Galhardo	Daiquiri
Fernando Gonsales	Níquel Náusea
Adão Iturrusgarai	A Vida como Ela Yeah
André Dahmer	Não Há Nada Acontecendo
Fabiane Langona	Viver Dói
Estela May	Péssimas Influências

Fonte: Elaboração própria

As sete tiras apresentam um formato comum e padronizado, assim como o idealizado nos Estados Unidos há mais de cem anos e ainda presente nos jornais de lá e também daqui do Brasil. Na edição impressa da *Folha de S.Paulo*, as séries são expostas na parte central da página, dispostas verticalmente, uma após a outra. A ordem de publicação é a mesma exposta no quadro 1 (“Piratas do Tietê” é a primeira e “Péssimas Influências”, a última). Cada uma tem quatro centímetros de altura. Na horizontal, elas ocupam 15 centímetros, o que corresponde ao espaço de três colunas do jornal (de um total de seis). A edição digital segue o mesmo padrão editorial. A diferença é que se pode clicar na tira e ampliá-la, de modo a facilitar a leitura dela.

Do ponto de vista de configuração genérica, as sete séries tendem a dialogar com o gênero tira cômica. Embora haja divergências quanto à forma de se referir a ela (tira, tirinha, tira diária, tira de humor, tira cômica), há uma convergência na literatura linguística desenvolvida no país de que o humor é a marca central dessa forma curta de produção de história em quadrinhos. É um dos pontos de contato entre os estudos de Lins (2002, 2008), Ramos (2007, 2011, 2017), Gatti (2013), Capistrano Júnior (2017), Simões (2018) e Caldeira (2021), que trabalharam com o gênero por diferentes perspectivas teóricas dos campos do discurso e do texto (Linguística Textual, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Linguística Cognitiva, Linguística Sistêmico-Funcional).

A presença do humor, portanto, é um elemento-chave para definir as tiras cômicas. Na síntese proposta por Ramos (2011, p. 136), o gênero configura uma narrativa com desfecho humorístico. “O final tem de ser algo inesperado, não previsto no curso narrativo, de modo a surpreender o leitor, o que leva ao humor. Elementos verbais, visuais e verbo-visuais são usados para a quebra de expectativa”. O autor acrescenta que tais produções podem ser criadas com mais de um quadrinho ou com somente um, que condensa em uma só cena os elementos narrativos.

Outro aspecto a ser considerado é que cada uma das séries publicadas na seção de tiras ou de quadrinhos dos jornais impressos e digitais aborda um tema específico, sem levar em consideração o que os outros desenhistas da página produziram naquele dia. Cada história configuraria, desse modo, uma narrativa autônoma, com sua própria situação humorística, no caso de compor uma tira cômica. A título de exemplo, observemos os temas trabalhados nas tiras da *Folha de S.Paulo*, publicadas na edição de 26 de agosto de 2021:

Quadro 2. Temas de séries publicados na *Folha de S.Paulo* em 26 de agosto de 2021

Autor	Tema
Piratas do Tietê	Defesa da cidade
Daiquiri	Lucidez de pessoas da extrema direita
Níquel Náusea	Falar menos e ouvir mais
A Vida como Ela Yeah	Versões gráfico-visuais de Charlie Watts
Não Há Nada Acontecendo	Superficialidade de amizades
Fabiane Langona	Período menstrual
Péssimas Influências	Contato com extraterrestre

Fonte: Elaboração própria

Pode haver situações de temas coincidentes nas tiras? Pode. Um caso são situações vinculadas a assuntos do noticiário jornalístico. A depender da informação que inspirou a história (como as pautadas no cenário político cotidiano) ou do dia da publicação (datas comemorativas, como Carnaval e Natal, tendem a motivar algumas das narrativas), há chance de um mesmo assunto ser visto simultaneamente em mais de uma série. Mas dificilmente em todas elas, como a situação que buscamos demonstrar neste artigo. O que poderia haver seria o compartilhamento de um tópico dentro de determinada série, trabalhado em histórias diferentes.

Lins (2008) postula que, se observadas em sequência, dia após dia, as tiras de uma mesma série permitem a percepção de uma convergência tópica entre elas. O conceito de tópico trabalhado pela autora é o mesmo proposto por Brown e Yule (2003 [1983]) e incorporado nos estudos brasileiros sobre o tema. Os dois pesquisadores defendem que o tópico “se relaciona com as representações do conteúdo do discurso” (BROWN; YULE, 2003 [1983], p. 68, tradução nossa²), apreendido pelos interlocutores durante as interações verbais, tanto escritas quanto faladas. Para Lins, a continuidade tópica

² No original: “[...] relates to representations of discourse content”.

poderia ser identificada nas tiras mesmo em situações narrativas diferentes, em que os personagens são representados em interações distintas umas das outras.

Ramos (2017) trabalha a sequência tópica dentro de uma mesma série de outro modo. O autor observa a possibilidade de haver o compartilhamento de um tema comum por vários dias. Seria como se fossem construídas piadas distintas a respeito de um mesmo assunto. “Cada uma traz uma situação cômica que se resolve narrativamente em sim mesma. O que as une é o tema [...]” (RAMOS, 2017, p. 78). Sob esse prisma, não seriam quaisquer situações que configurariam tal continuidade temática. Isso ocorreria em situações semelhantes, com os mesmos personagens, reprisadas em dias consecutivos, diferenciando-se pela construção de desfechos cômicos distintos.

O inusitado, como se vê, é o fato de todas as séries da página de um jornal apresentarem um tema intencionalmente comum, situação que buscamos demonstrar a seguir. Antes de iniciar o próximo item, cabe distinguir como os conceitos de tópico e tema serão lidos neste estudo. O primeiro é entendido do modo como Brown e Yule (2003 [1983]) o conceituaram e que autores ligados à Análise da Conversação o desenvolveram no Brasil. Segundo Fávero (2010), trata-se de algo sobre o que se está falando (centração), podendo ser segmentado e agrupado (em tópicos maiores, os supertópicos, ou menores, os subtópicos) conforme a abordagem feita pelo analista (organicidade).

Embora possa ser interpretado como o “assunto, tema tratado em determinado trecho da conversação”, conforme síntese proposta por Leite e Peruchi (2010, p. 270), há de se registrar o cuidado terminológico assinalado por Jubran (2015). Para a linguista, não se deve confundir o tópico discursivo com o tópico/comentário e o tema/rema, ambos no nível do enunciado:

Os segmentos textuais com estatuto tópico assumem uma extensão que vai além do nível sentencial. Isso porque, apesar das mudanças normais nos tópicos ou temas dos enunciados, sequências de turnos de uma conversação se mantêm no mesmo tópico discursivo, na medida em que as contribuições conversacionais configuradoras dessas sequências convergem predominantemente para um determinado assunto, amoldando-se à mesma estrutura de relevância tópica. (JUBRAN, 2015, p. 86).

Tendo como norte o alerta teórico-conceitual proposto pela autora, e para que não haja zonas nubladas na polissemia presente no conceito de tema, este será trabalhado como equivalente a assunto, porém não aplicado a interações verbais. Nas interações verbais, orais ou escritas, ou em uma representação delas, como ocorre nos diálogos entre os personagens das histórias em quadrinhos, opta-se pelo termo tópico (ou tópico discursivo). Desse modo, cada uma das tiras trabalharia um tópico próprio, pautado ou não em um tema comum (compondo, neste segundo caso, uma situação de tiras monotemáticas).

É o tema, entendido dessa maneira, o interesse central desta nossa exposição.

Apresentando as tiras monotemáticas

Entre 1º de março de 2020 e 31 de agosto de 2021, período pesquisado para a produção deste estudo, foram encontrados três casos em que as tiras da *Folha de S.Paulo* compartilharam um tema comum em um mesmo dia.

Um deles foi uma homenagem a Joaquín Salvador Lavado, o Quino, criador da personagem Mafalda. O cartunista morreu em 30 de setembro de 2020, aos 88 anos, em Mendoza, Argentina. A causa do falecimento teria sido por complicações geradas por um AVC (acidente vascular cerebral), segundo se noticiou à época (ROFFO, 30 set. 2020). Todos os desenhistas da página de quadrinhos da *Folha* fizeram histórias em memória ao cartunista argentino (FOLHA CARTUM, 1º out. 2020). Na edição de 1º de outubro, um dia após a morte, as sete séries apresentaram situações envolvendo o autor ou Mafalda, sua criação mais conhecida (ela apareceu em quatro das sete tiras).

As outras duas ocorrências de tiras com um tema em comum foram pautadas pela pandemia do coronavírus. Um dos casos envolveu Laerte Coutinho, que responde por uma das séries publicadas na *Folha*, "Piratas do Tietê". Vítima da doença em janeiro de 2021, passou quase um mês afastado, em tratamento. Durante a recuperação, o espaço foi ocupado pelo desenhista Galvão Bertazzi, que levou para o jornal as histórias de "Vida Besta", tira que produz na internet. O retorno de Laerte ocorreu na edição de 23 de fevereiro daquele ano. Bertazzi criou uma história "recebendo" Laerte. Outros cinco autores da seção também deram as boas-vindas em suas séries (FOLHA CARTUM, 23 fev. 2021).

A terceira situação foi publicada dez meses antes e também teve a pandemia de Covid-19 como tema unificador das histórias da seção de quadrinhos do jornal. Iniciados no país em março de 2020, os cuidados sanitários para conter o número crescente de casos de coronavírus ainda estavam sendo assimilados pelas pessoas. Uma das recomendações que passaram a ser estimuladas era o de uso de máscaras para impedir o contágio. Por não ser algo próprio da cultura brasileira, era uma novidade que passou a ser difundida pelos veículos de comunicação.

Os desenhistas da *Folha* produziram todas as tiras da edição de 22 de abril de 2020 tendo o uso da máscara como tema. Analisaremos esse caso mais detalhadamente, procurando observar de que modo o compartilhamento temático interfere no processo de produção do humor das tiras cômicas. Vejamos as sete histórias publicadas naquele dia, seguindo a mesma ordem de exposição nas edições impressa e digital:

Figura 1. "Piratas do Tietê", de Laerte Coutinho



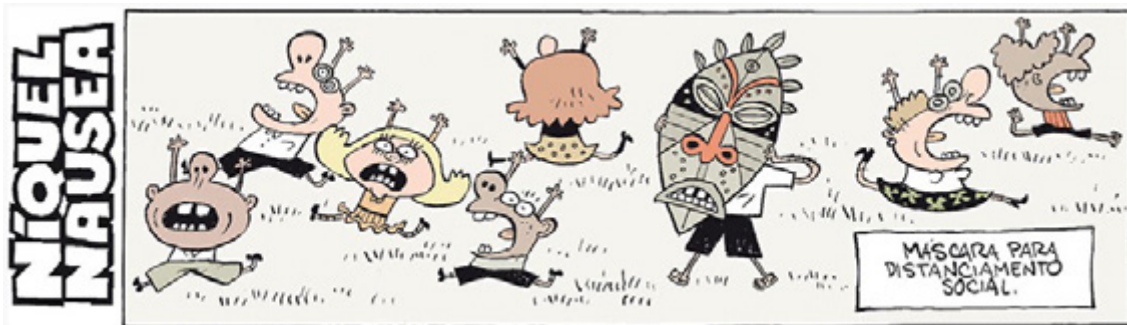
Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 2. "Daiquiri", de Caco Galhardo



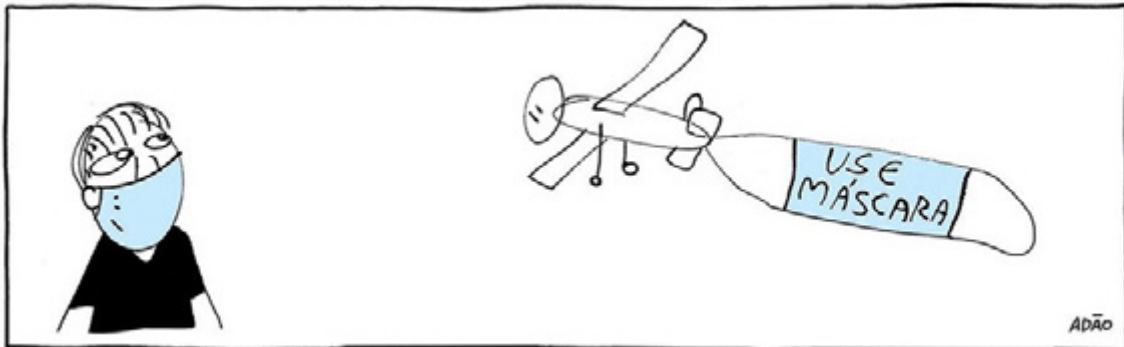
Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 3. "Níquel Náusea", de Fernando Gonsales



Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 4. "A Vida Como Ela Yeah", de Adão Iturrusgarai



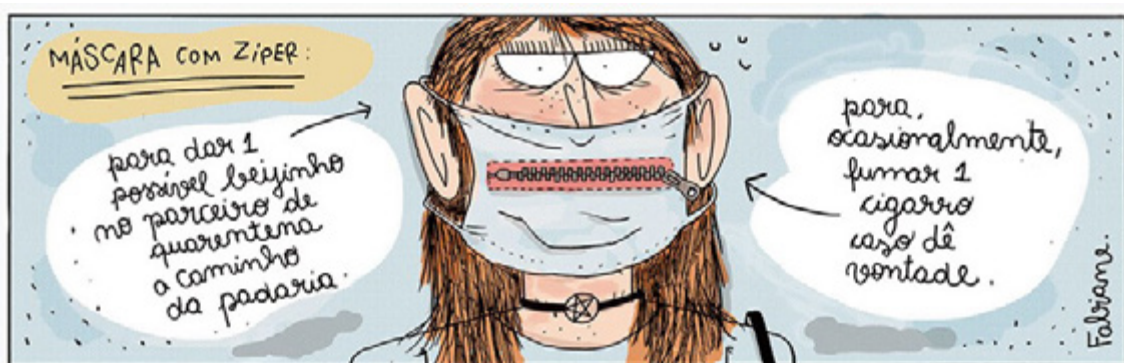
Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 5. "Bom Emir, o Monstro de Zazanov", de André Dahmer



Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 6. "Viver Dói", de Fabiane Langona



Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Figura 7. “Péssimas Influências”, de Estela May”



Fonte: *Folha de S. Paulo* (22 abr. 2020, p. B13)

Na sequência, faz-se a análise das tiras, procurando mostrar como a existência de um mesmo tema leva à produção do sentido humorístico das histórias em quadrinhos publicadas nessa edição do jornal.

Analisando as tiras monotemáticas

Um primeiro apontamento a ser feito é que não se trata de coincidência o uso de máscaras como tema comum a todas as tiras mostradas nas figuras de 1 a 7. A informação não foi explicitada, mas depreende-se que tenha havido um contato prévio com todos os autores para que abordassem em suas produções a presença do equipamento de proteção. Aos olhos do leitor, acostumado a ter contato com assuntos e abordagens diversas nas diferentes séries da seção de quadrinhos, a estratégia acaba por singularizar as tiras apresentadas naquela edição. Também por esse caráter inusual, tendem a chamar mais a atenção e lançar um elemento a mais no processo de produção do sentido.

O elemento extra é justamente a existência de um fio temático unificador em todas as histórias. Cada uma aborda de forma própria a recomendação da necessidade do uso de máscaras para evitar o contágio do vírus da Covid-19. Uma vez mais, esse dado não é explicitado. Ele é construído pelo leitor por meio das pistas textuais apresentadas a ele. A mais evidente é a presença do equipamento de proteção facial nas sete tiras da página. Trabalha-se com a expectativa de que a pessoa que lê acione informações sociocognitivas relacionadas à pandemia.

Koch (2004), dentro da perspectiva teórica da Linguística Textual, trabalha com a premissa de que os sujeitos envolvidos na interação mediada pelo texto acionam informações cognitivas situadas sócio-historicamente. Esse processo de construção do(s) sentido(s) “requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal” (KOCH, 2004, p. 33). Embora plurais, tais conhecimentos podem ser segmentados, a depender

do interesse do analista. Aqui, dois deles são pertinentes para elucidar a sequência de tiras: o enciclopédico ou de mundo e o partilhado.

Segundo a linguista, o primeiro está armazenado na memória de cada pessoa. Por ser socialmente situado, espera-se que tais informações e modelos cognitivos sejam compartilhados entre os seres. O segundo conhecimento, o partilhado, são justamente os dados previstos e pressupostos entre autor/falante e leitor/ouvinte durante a interação. Esse gerenciamento do que os sujeitos já sabem vai “determinar, por exemplo, o balanceamento entre o que precisa ser explicitado e o que pode ficar implícito no texto” (KOCH, 2004, p. 45).

Nas tiras, como comentado, a pandemia não é explicitada. Mas, por ser um problema sanitário enfrentado em todo o país, é de se esperar que a informação fizesse parte do conhecimento de mundo do leitor e que fosse partilhada entre quem produz a história em quadrinhos e quem a lê. Nesse sentido, a existência das máscaras é um ponto central para levar a esse entendimento. Ela funciona como uma espécie de porta de entrada para que o perigo do contágio causado pelo coronavírus seja sociocognitivamente acionado.

Um ponto central das sete séries, e que reforça textualmente configurarem tiras monotemáticas, é todas elas apresentarem um objeto de discurso comum: máscara. O objeto de discurso (que pode ser trabalhado com a forma sinônima referente) é definido por Cavalcante (2011, p. 15) como “entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto”. São categorias instáveis, construídas colaborativamente e cognitivamente durante a interação. Autores como Ramos (2007, 2011), Custódio Filho (2011) e Capistrano Júnior (2017) defendem que tais referentes podem ser construídos não apenas de maneira verbal, mas visualmente também.

As tiras, por comporem um texto essencialmente multimodal (parte verbal escrita, parte imagética, parte plástica), apresentam processos diversificados de exposição dos objetos de discurso. O referente “máscara de proteção” é instaurado tanto visualmente (nos casos das figuras 1, 2, 5 e 7) quanto verbo-visualmente (nas figuras 3, 4 e 6). A história do exemplo 3, da série “Níquel Náusea”, é peculiar em relação às demais. Isso porque a imagem apresentada não é a do equipamento facial de segurança, mas, sim, de uma máscara tribal. Mesmo assim, identifica-se uma concomitância dos dois referentes na história.

O cenário criado pelo desenhista é o de pessoas correndo assustadas (são mostradas sete delas, todas com os corpos em movimento). Depreende-se essa informação pela presença de mãos erguidas para o alto, de rostos com olhos arregalados e bocas abertas. O medo foi causado pelo uso de uma máscara tribal, categorizada pelo modo como foi representada visualmente e identificada pelo leitor conhecimento enciclopédico (pelo menos, é a expectativa de conhecimento partilhado trabalhada pelo desenhista). O

susto é pelo fato de a máscara ser usada fora do ambiente tribal (infere-se isso ao ver os trajes usados pelos homens e mulheres mostrados na tira, todos com roupas próprias de centros urbanos).

Inicialmente, pode-se categorizar “máscara tribal”, tal qual indica a imagem. Porém, ao ter contato com a parte verbal da tira, observa-se, na legenda trazida por ela, a frase “máscara para distanciamento social”. Na data de publicação da história, um momento pandêmico em que o distanciamento entre as pessoas, inclusive com isolamento domiciliar, entrou na agenda de alertas para se evitar o contágio causado pela Covid-19, ocorre uma recategorização do referente, de máscara tribal para de segurança. Segurança que, no caso, é obtida por meio do medo. O instrumento colocado junto ao rosto causaria tanto medo que geraria o necessário afastamento entre as pessoas, inclusive próximas (que seriam vistas como potenciais transmissoras do vírus).

Nota-se que essa recategorização é necessária para a produção do humor da tira cômica de “Níquel Náusea”. Ela apresenta a surpresa narrativa que leva ao desfecho humorístico, marca central desse gênero dos quadrinhos. Esse é outro ponto em comum entre as histórias aqui analisadas. Direta ou indiretamente, todas elas trabalharam com o objeto de discurso “máscara de proteção” para a construção da comicidade. Nos casos das figuras 1, 2, 3, 4 e 5, a referência à proteção facial foi a chave para a criação da situação inusitada, fonte do humor.

Em “Piratas do Tietê” (Figura 1), a surpresa é a presença da máscara de proteção (objeto de discurso instaurado visualmente) colocada não só em Laerte Coutinho, responsável pela história, mas também em seu gato, mostrado ao lado. No caso de “Daiquiri” (Figura 2), o rosto coberto seria como uma fantasia teatral a ser trajada por todos daqui por diante, como a vestida pelo autor da série, Caco Galhardo. “A Vida Como Ela Yeah” (Figura 4) traz o referente categorizado tanto verbalmente quanto visualmente. A tira cômica mostra uma pessoa (não se pode dizer com precisão que seja o desenhista da história) observando um avião voando. Em vez de uma faixa, ele carrega uma máscara de proteção (recategorizada como faixa) com a recomendação de que ela deva ser usada.

Em “Viver Dói”, o objeto de discurso também é categorizado em termos verbais e visuais. A tira traz a autora, Fabiane Langona, autorrepresentada com uma máscara de proteção. A peculiaridade é que o instrumento facial é mostrado com um zíper, que faz as vezes de uma predicação que leva ao humor. O zíper, se aberto, seria uma forma de permitir que a usuária pudesse “dar 1 possível beijinho no parceiro de quarentena a caminho da padaria” ou “para, ocasionalmente, fumar 1 cigarro caso dê vontade”, como mostrado nos balões de fala. Já Estela May, em “Péssimas Influências”, defende que a máscara, por esconder parte do rosto, faz com que a parte superior da cabeça ganhe maior atenção. É por isso que seria um “ótimo tempo pra quem tem olhos tristes”, explica, no balão. Infere-se que seja o exatamente o caso dela.

Vê-se que foram construídas situações inesperadas, todas abordando de algum modo, com maior ou menor destaque, a presença das máscaras de proteção. Outro dado peculiar foi a ampla presença de autorrepresentação dos desenhistas em suas próprias séries. Esse verniz autobiográfico, em que o autor faz as vezes do protagonista da cena de humor criada, foi visto nos casos das figuras 1, 2, 5, 6 e 7. A maioria, portanto. Os cartunistas trabalharam, uma vez mais, com o conhecimento partilhado para que essa informação fosse apreendida. Em que pese o fato de não ser algo raro, pelo contrário até, é possível que a proposta prévia de produção de tiras monotemáticas tenha influenciado nessa opção de construção das narrativas.

Os cartunistas, nesse caso, trabalharam, uma vez mais, com o conhecimento partilhado com o leitor. Caberia a este a identificação dos traços autobiográficos reproduzidos nos personagens das histórias. Apesar disso, não seria elemento essencial para a produção do sentido humorístico. Veja-se, como exemplo, o caso da Figura 5, ainda não analisado por ser o único a não explorar o objeto de discurso “máscara facial” como elemento central para a produção do humor. André Dahmer, o desenhista da série, mostra a si próprio com o nariz e a boca cobertos (o referente “máscara” é instaurado visualmente, portanto). O sentido humorístico está nas falas dele, reproduzidas por meio de dois balões de fala.

No primeiro balão, olhando na direção de quem lê a tira, ele pergunta ao presumido interlocutor: “Você teria cinco minutos para escutar a palavra da ciência?”. A questão, novamente, tem de estar articulada ao momento sócio-histórico de publicação da história. Desde que assumiu a presidência do Brasil, em janeiro de 2019, tem-se creditado a Jair Bolsonaro e seu círculo de apoiadores e seguidores falas de negação à ciência, em particular no tocante a medidas sanitárias envolvendo o combate ao coronavírus e à extensão do perigo da doença.

Até a data de publicação da história em quadrinhos, 22 de abril de 2020, já se somavam várias declarações presidenciais nesse sentido. Algumas delas, ditas no mês anterior, em compilação feita pela *Folha de S.Paulo* (FOLHA DE S.PAULO, 5 mar. 2021):

“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus.” (9 mar. 2020)

“[...] é muito mais fantasia a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga.” (10 mar. 2020)

“O que eu ouvi até o momento [é que] outras gripes mataram mais do que esta.” (11 mar. 2020)

“A vida continua, não tem que ter histeria. Não é porque tem uma aglomeração de pessoas aqui e acolá esporadicamente [que] tem que ser atacado exatamente isso.” (17 mar. 2020)

"[...] não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, não." (20 mar. 2020)

"[...] por que fechar escolas? Raros são os casos fatais, de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade [mortas por consequência da doença]." (24 mar. 2020)

"Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho [...]." (24 mar. 2020)

"[...] o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada, Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele." (26 mar. 2020)

O desenhista trabalha com a premissa partilhada de que o leitor teria ciência de tais declarações, senão de todas, ao menos de parte delas. No geral, ele procurava contrastar os contrários à ciência (que tiveram esse ponto de vista alardeado pelo presidente, ao minorar o impacto da pandemia e, por consequência, os alertas de médicos e cientistas) ao fato de que seria justamente a palavra científica que traria o caminho para "nos salvar" do avanço do contágio da Covid-19. O inusitado, que leva ao sentido humorístico, é ela (a ciência) ter de voltar para ajudar a todos. Seria um retorno irônico, posto que, se ela se foi, foi apenas para quem a negava.

Considerações finais

Há um duplo aspecto inusitado nas tiras monotemáticas analisadas neste artigo. O elemento inusitado está tanto no processo de construção do sentido humorístico de cada uma das histórias, marca nuclear do gênero tira cômica, quanto na presença de um assunto comum a todas as séries para a criação das situações engraçadas. A necessidade de uso de máscaras de proteção para evitar o contágio do coronavírus foi o elemento unificador das sete narrativas publicadas pela *Folha de S.Paulo* em 22 de abril de 2020. Recurso editorial raro, levou todos os desenhistas a pensarem piadas próprias sobre o mesmo tema.

Do ponto de vista coletivo, viu-se que o humor foi utilizado como forma de alerta. O uso do equipamento de proteção ainda era uma novidade no país, e a popularização dele passou pelos meios de comunicação, com destaque para a imprensa. Os desenhistas da seção de quadrinhos do jornal paulista conseguiram passar o recado sanitário de prevenção de forma mais leve, pautando cada uma das histórias com situações peculiares envolvendo as máscaras. Vem justamente do teor peculiar a estratégia de produção do humor. Estratégia coletiva, no caso, algo que diferencia esse recurso editorial.

Identificaram-se alguns recursos comuns. O mais evidente, como comentado, era a presença da máscara, objeto de discurso instaurado tanto em termos verbais quanto verbo-visuais. Ou seja, as histórias tiveram de se valer desse referente para construir o humor, depositando nele maior (sendo essencial para o sentido cômico) ou menor

relevância. Outro aspecto comum foi a tendência de autorrepresentação dos desenhistas nas histórias. Talvez por configurar um recado, um alerta a ser dado, parte dos autores optou por creditar a si próprio a função de passar a mensagem ao leitor.

Observadas individualmente, todas as sete séries criaram situações humorísticas. Parte se apoiou exclusivamente em elementos visuais para a construção da situação engraçada (o caso da Figura 1 foi construído sem elementos verbais escritos). Parte se valeu de recursos verbais e visuais. Todas convergiram para a criação de situações inusitadas, que levaram ao desfecho inesperado e ao humor. Nesse sentido, o tema compartilhado não foi um impedimento em termos de composição do gênero e, por extensão, dos textos multimodais. Funcionou mais como um desafio aos autores. Cumprido à risca, pelo que se observou.

REFERÊNCIAS

ACERVO FOLHA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1º jan. 1960. Ilustrada, p. 6. Disponível em: <https://bit.ly/3MqLRYR>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ACERVO FOLHA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 dez. 1999. Ilustrada, p. 8. Disponível em: <https://bit.ly/3slgXDv>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. 13. reimpr. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1983].

CALDEIRA, B. A. S. L. M. *Histórias em quadrinhos no ensino-aprendizagem do português como língua de herança*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. *Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de Meia-Idade, de Miguel Paiva*. Campinas: Pontes, 2017.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 39-63.

FOLHA CARTUM. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 out. 2020. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#1/10/2020>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FOLHA CARTUM. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 fev. 2021. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#23/2/2021>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FOLHA DE S.PAULO. Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. *Folha de S.Paulo*, 5 mar. 2021, atualizado em 17 mai. 2021, às 11h06min. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2021.

GATTI, M. A. *A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

GUIRAL, A. (coord.). *Del tebeo al manga: una historia de los comics – 2. Tiras de humor crítico para adultos*. Barcelona: Panini, 2012.

HARVEY, R. C. How comics came to be. In: HEER, J.; WORCESTER, K. (ed.). *A comics studies reader*. Mississippi: University Press of Mississippi, 2009. p. 25-45.

HORN, M. *100 years of American newspaper comics*. New Jersey: Gramercy Books, 1996.

JUBRAN, C. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. S. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-126. (Gramática do Português Falado – v. 1).

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, M. Q.; PERUCHI, R. M. G. Glossário. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 263-271.

LINS, M. P. P. *O humor nas tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.

LINS, M. P. P. *O tópico discursivo em textos de quadrinhos*. Vitória: EdUFES, 2008.

MAGALHÃES, H. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

RAMOS, P. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, P. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RAMOS, P. The gradual nationalization of comic strips in Brazilian Newspapers. *International Journal of Comic Art*, p. 465-477, 2015.

RAMOS, P. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

ROFFO, J. Murió Quino, el creador de Mafalda que trascendió las fronteras. *Clarín*, Buenos Aires, 30 set. 2020. Cultura. Disponível em: https://www.clarin.com/espectaculos/murio-quino-creador-mafalda-trascendio-fronteras_0_c-1iedlqm.html. Acesso em: 30 ago. 2021.

SIMÕES, A. C. *A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e o ensino explícito de gêneros do discurso: a configuração dos gêneros de tiras e o ensino de língua portuguesa*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.